



**Entre pseudônimos e imaginários: a identidade feminina nas
“Cartas sobre a Educação das Meninas por uma Senhora
Americana”, no Século XIX**

***Between pseudonyms and imaginary: the feminine identity in
“Cartas sobre a Educação das Meninas por uma Senhora
Americana”, in the 19th century***

***Entre seudónimos e imaginarios: la identidad femenina en
“Cartas sobre a Educação das Meninas por uma Senhora
Americana”, en el siglo XIX***

Samara Elisana Nicareta¹

Valter Andre Jonathan Osvaldo Abbeg²

1 Doutora em Educação (UFSC), SME-Curitiba, e-mail para contato:
samaraelisana@gmail.com

2 Doutorando em Ciências da Educação (USC-PY), SME-Araucária, e-mail para contato:
valter.abbeg@usc.edu.py

RESUMO

Este artigo analisa as "Cartas sobre a educação das meninas por uma senhora americana" traduzida para o português por João Cândido de Deus e Silva, atribuída ao autor José Joaquin de Mora. A obra se apresenta como uma série de cartas enviadas por uma suposta "senhora americana", que prescreve formas de comportamento, educação e conduta social para mulheres do século XIX. O texto questiona a autoria feminina anônima, revelando as prescrições e os valores impostos às mulheres da época, visando conformá-las a uma sociedade patriarcal. A análise desvenda lapsos de autoria presentes no texto, sugerindo que a obra não tenha sido efetivamente escrita por uma mulher, mas por um autor masculino que se esconde por trás do pseudônimo feminino. Através de pronomes possessivos e outras indicações, evidencia-se a presença de uma autoria alheia ao gênero feminino, o que levanta questionamentos sobre as motivações por trás desse artifício. A relevância da obra reside não apenas em seu conteúdo prescritivo, mas também em seu impacto histórico e social. O texto foi disseminado nas escolas e recomendado às professoras como um manual de conduta para suas alunas, moldando a mentalidade feminina da época e impondo um padrão normativo de comportamento. Além disso, o artigo ressalta a associação do discurso com o catolicismo, explorando características desejadas para as mulheres, reforçando a necessidade de autoidentificação no processo de leitura. A pesquisa destaca o papel do imaginário social na consagração das prescrições da obra. O imaginário transcende para a realidade, influenciando práticas cotidianas, instituições e identidades. A análise crítica do discurso revela como o imaginário se manifesta e se perpetua na memória coletiva, configurando-se como um poderoso instrumento normativo de relações sociais. Através desse estudo, busca-se desvelar os elementos que compõem a construção histórica e identitária da mulher brasileira do século XIX, permitindo um olhar mais profundo sobre a obra "Cartas sobre a educação das meninas por uma senhora americana" e sua influência na sociedade da época.

Palavras-Chave: Carta. Mulher. Imaginário.

ABSTRACT

This article analyzes the "Cartas sobre a educação das meninas por uma senhora americana" translated into Portuguese by João Cândido de Deos e Silva, attributed to the author José Joaquin de Mora. The work presents itself as a series of letters sent by an alleged "American lady", which prescribes forms of behavior, education and social conduct for women of the 19th century. The text questions anonymous female authorship, revealing the prescriptions and values imposed on women at the time, aiming to conform them to a patriarchal society. The analysis reveals authorship lapses present in the text, suggesting that the work was not actually written by a woman, but by a male author who hides behind the female pseudonym. Through possessive pronouns and other indications, the presence of an authorship alien to the female gender is evident, which raises questions about the motivations behind this artifice. The relevance of the work lies not only in its prescriptive content, but also in its historical and social impact. The text was disseminated in schools and recommended to teachers as a manual of conduct for their students, shaping the female mentality of the time and imposing a normative standard of behavior. In addition, the article emphasizes the association of the discourse with Catholicism, exploring desired characteristics for women, reinforcing the need for self-identification in the reading process. The research highlights the role of the social imaginary in the consecration of the work's prescriptions. The imaginary transcends into reality, influencing everyday practices, institutions and identities. Critical discourse analysis reveals how the imaginary manifests itself and is perpetuated in collective memory, configuring itself as a powerful normative instrument of social relations. Through this study, we seek to reveal the elements that make up the historical and identity construction of Brazilian women in the 19th century, allowing a deeper look at the work "Cartas sobre a educação das meninas por uma senhora americana" and its influence on society at the time.

Key-words: Letter. Woman. Imaginary.

RESUMEN

Este artículo analiza las "Cartas sobre a educação das meninas por uma senhora americana" traducidas al portugués por João Cândido de Deos e Silva, atribuidas al autor José Joaquín de Mora. La obra se presenta como una serie de cartas enviadas por una supuesta "dama americana", que prescribe formas de comportamiento, educación y conducta social para las mujeres del siglo XIX. El texto cuestiona la autoría femenina anónima, revelando las prescripciones y valores impuestos a las mujeres de la época, con el objetivo de conformarlas a una sociedad patriarcal. El análisis revela lapsos de autoría presentes en el texto, lo que sugiere que la obra en realidad no fue escrita por una mujer, sino por un autor masculino que se esconde detrás del seudónimo femenino. A través de los pronombres posesivos y otros indicios, se evidencia la presencia de una autoría ajena al género femenino, lo que plantea interrogantes sobre las motivaciones detrás de este artificio. La relevancia de la obra radica no solo en su contenido prescriptivo, sino también en su impacto histórico y social. El texto fue difundido en las escuelas y recomendado a los docentes como manual de conducta para sus alumnos, moldeando la mentalidad femenina de la época e imponiendo un patrón normativo de conducta. Además, el artículo enfatiza la asociación del discurso con el catolicismo, explorando características deseadas para las mujeres, reforzando la necesidad de autoidentificación en el proceso de lectura. La investigación destaca el papel del imaginario social en la consagración de las prescripciones de la obra. Lo imaginario trasciende a la realidad, influyendo en las prácticas cotidianas, las instituciones y las identidades. El análisis crítico del discurso revela cómo el imaginario se manifiesta y se perpetúa en la memoria colectiva, configurándose como un poderoso instrumento normativo de las relaciones sociales. A través de este estudio, buscamos revelar los elementos que componen la construcción histórica e identitaria de la mujer brasileña en el siglo XIX, permitiendo una mirada más profunda a la obra "Cartas sobre a educação das meninas por uma senhora americana" y su influencia en la sociedad de la época.

Palabras-Clave: Carta. Mujer. Imaginario.

INTRODUÇÃO

A perspectiva dos manuais de civilidade, ainda que com origem difusa, mostra-se pragmática, uma vez que busca estabelecer padrões comportamentais, definindo condutas socialmente aceitas (CUNHA, 2004). No contexto do oitocentos, esta investigação procura identificar indícios, mesmo que possam ser, por ora, apenas fragmentos, na interpretação do discurso oitocentista relacionado à produção, constituição e circulação do discurso epistolar. Mais do que meras evidências sobre a orientação pública voltada à infância feminina, o objetivo é delinear um conjunto de estigmas que influenciaram o imaginário social feminino, tendo como referência a obra "Cartas sobre a educação das meninas", publicada no Brasil em 1838 e traduzida para o português por João Cândido de Deos e Silva.

Nessa perspectiva, adota-se a análise crítica do discurso (Fairclough, 2001) como abordagem metodológica, considerando que o discurso constitui uma fonte de transformações sociais, ao mesmo tempo que reflete relações de poder presentes nas práticas sociais mais amplas. Sob esse prisma teórico, respaldado pela categoria de imaginário social proposta por Castoriadis (1984) e aprofundado por autores contemporâneos, busca-se, primeiramente, consagrar o imaginário social feminino como uma explicação potencial, não apenas em relação ao movimento editorial que culminou na obra em questão, mas também para identificar os meios disponíveis para sua disseminação e recepção no contexto social e educacional brasileiro.

Além disso, almeja-se abordar a dimensão da obra, considerando suas peculiaridades enquanto produto do anonimato literário e sua natureza epistolar, características que emanam do contexto histórico e social em que se insere. A análise crítica do discurso, como mencionado por Fairclough (2001), aponta para o papel transformador do discurso, que molda e impõe diferentes relações de poder na formação da identidade. Consequentemente, compreende-se que...

"em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade" (FOUCAULT, 1987, p.9).

No âmbito educacional, destaca-se a importância do livro escolar, segundo Nicareta (2023), que se torna um recurso imprescindível para a disseminação e consolidação das orientações presentes nos manuais de civildade. Por meio do livro escolar, as concepções de comportamento e conduta socialmente válidas, presentes nos manuais, podem ser incorporadas à formação das crianças e jovens, influenciando a construção do imaginário social feminino. Assim, o livro escolar se configura como uma ferramenta relevante na veiculação e perpetuação dos estigmas culturais que moldaram a visão social sobre a infância feminina durante o século XIX. É importante ressaltar que, em meio ao discurso epistolar e à orientação pública para a infância feminina, o livro escolar também desempenha um papel significativo na constituição do imaginário social feminino. Seu conteúdo, ao ser incorporado às práticas pedagógicas e à formação das alunas, pode contribuir para reforçar ou contestar os estigmas culturais presentes nos manuais de civildade. Portanto, o livro escolar torna-se um campo de disputa e reflexão sobre os valores, comportamentos e estereótipos associados à feminilidade e ao papel das mulheres na sociedade. Dessa forma, a análise crítica do discurso, ao considerar o discurso epistolar, os manuais de civildade e o livro escolar, busca desvendar as complexas interações entre linguagem, poder e construção social do imaginário feminino, promovendo uma compreensão mais ampla e aprofundada dos processos socioculturais que moldaram a educação e a identidade feminina ao longo do século XIX.

Num primeiro momento, almejamos explorar alguns caminhos no âmbito da análise do discurso, vislumbrando sua potencialidade explicativa não apenas na caracterização do imaginário acerca da identidade feminina, mas

também como uma ferramenta para desvendar a lógica discursiva e a própria razão identitária. Com esse propósito, pretendemos delinear o discurso presente na obra mencionada, buscando compreender suas particularidades enquanto produto literário voltado para a conformação, ou não, de um posicionamento político específico, considerando o contexto histórico e social em que se insere.

Neste contexto, não tem cabimento uma exploração biográfica detalhada do autor ou da suposta personagem feminina ficcional anônima, embora essa análise possa ser realizada em outra oportunidade. Nosso enfoque se volta para as evidências sociais presentes no discurso, buscando nuances que demonstrem a construção do imaginário feminino. Portanto, não almejamos excluir a figura do autor, mas sim relativizá-la em relação a uma concepção social de identidade feminina que a obra em questão cerceou e difundiu entre as mulheres brasileiras no início do século XIX.

Nesse sentido, a abordagem crítica do discurso se revela como uma abordagem metodológica relevante, permitindo-nos adentrar nas entrelinhas do discurso epistolar e desvendar os mecanismos de construção da identidade feminina presentes na obra. Pretendemos, assim, desvelar como as representações sociais e culturais acerca do papel da mulher foram perpetuadas e difundidas por meio desse discurso, refletindo a dinâmica das relações de poder presentes na sociedade da época.

A obra em análise pode ser compreendida como um produto literário que dialoga diretamente com as questões políticas e sociais da época, moldando e influenciando a visão que as mulheres tinham de si mesmas e de seu lugar na sociedade. Dessa forma, a análise do discurso presente na obra "Cartas sobre a educação das meninas" nos possibilita desvendar os contornos da identidade feminina construída e divulgada naquele contexto histórico, revelando a complexa interação entre linguagem, poder e construção social do imaginário feminino.

O IMAGINÁRIO FEMININO NO OITOCENTOS

Ao reconhecer que cada momento no tempo é permeado por um ambiente próprio, impregnado de diferentes formas de organizar a sociedade, sua estrutura social, política e econômica, podemos notar que no contexto dos oitocentos, com a vinda da corte portuguesa ao Brasil e a independência do país em 1822, novos elementos começaram a moldar o imaginário social brasileiro. Nesse período, eram tecidas as relações sociais e se forjavam as identidades coletivas, dando origem ao que podemos denominar como "imaginário social". Segundo Veyne (1984, p.103-104), "imaginário" não é um termo de psicólogos ou antropólogos, ao contrário de "imagem", mas sim um julgamento dogmático sobre certas crenças de outras pessoas. Assim, a reflexão sobre o tempo passado, a constituição de crenças, costumes e do próprio cotidiano envolvem diferentes tipos de julgamentos, tidos como verdades, porém construídos sobre uma suposta premissa de serem únicas, onipotentes, numa congregação análoga. Nesse contexto, torna-se relevante analisar como os ditames educacionais e os novos costumes influenciaram a formação desse imaginário social no Brasil oitocentista.

Essa construção do imaginário social no contexto histórico do século XIX se configura como objeto histórico concreto, uma vez que se materializa nas relações sociais nas quais representa e é representado. Esse imaginário se transforma em um instrumento vivo e permeia constantemente as diferentes relações sociais, tornando-se político e recorrente nas várias relações de poder. Não obstante, devemos reconhecer que:

O domínio do imaginário não se limita a isso: a política, queremos dizer, as práticas políticas e não apenas as pretensas ideologias, possuem a arbitrária e a esmagadora inércia dos programas estabelecidos; a "parte oculta do iceberg" político da cidade antiga durou quase tanto quanto o mito; sob a ampla roupagem pseudoclássica com a qual nosso racionalismo banalizador a envolve, teve delineamentos estranhos que só a ela pertencem. (VEYNE, 1984, p.133)

Neste contexto histórico, as acepções do imaginário rompem diferentes argumentos para explicação da realidade, transformando-se na política, manifestando-se nas instituições e promovendo-se nas histórias particulares. Esse discurso difuso na memória das pessoas não pode ser negado, assemelhando-se a um pressentimento secreto, pois ao representar a realidade, substitui-a como elemento semiótico da verdade, transformando-se em uma verdade em si mesma. Trata-se, portanto, de uma acepção absoluta da verdade envolta pela "fabulação" (Veyne, 1984, p.130). Nesse cenário histórico, as mudanças sociais, políticas e educacionais que moldaram o Brasil dos oitocentos tiveram reflexos significativos na construção desse imaginário social, consolidando valores, normas e crenças que permearam as identidades coletivas da época.

Nesse sentido, o imaginário social aparenta não apenas representar, mas também encarnar uma determinada realidade, não restrita a um ponto de vista individual, mas sim como a própria aceitação coletiva e material da verdade. Compreendendo que a vida em sociedade é uma constante construção histórica, marcada por uma alternância de ideologias e fatores provenientes da mentalidade coletiva, observamos que também ocorre um constante derrubamento dessas verdades estabelecidas. É importante considerar que o imaginário, em sua essência, não é qualificado como bom ou ruim, uma vez que se apresenta como um campo de disputa para legitimar determinada verdade que pode se tornar hegemônica na memória coletiva e na história das pessoas. Esse conjunto complexo de ideias, esse imaginário social, desempenha um papel crucial na condução e regulamentação do tecido social.

Não existe oposição entre verdade e a ficção que apareça como secundária e histórica; a distinção entre o imaginário e o real não o é menos. As concepções menos absolutas da verdade como simples idéia reguladora, ideal da pesquisa, não podem servir de escusa à amplitude que assumem nossos palácios de imaginação, que têm a espontaneidade das

produções naturais e não são provavelmente nem verdadeiros nem falsos. Eles também não são funcionais e não são todos perfeitos; têm ao menos um valor muito raramente mencionado, do qual não falamos senão quando não sabemos dizer exatamente qual é o interesse de uma coisa: elas são interessantes. (VEYNE, 1984,p.139)

Decorrente de um complexo imaginário, permeado por distintas visões de mundo e impregnado pelo discurso social, as sociedades são moldadas ou desintegradas. Essas percepções não podem ser desconsideradas por serem desprovidas de conteúdo ou propósito, visto que o imaginário assume forma tangível por meio de práticas que moldam e transformam a própria realidade. O contexto cultural se enreda ou decifra essa construção de maneira não espontânea, gerando uma indistinção entre verdade e fantasia, conduzindo elementos que se situam além do cotidiano e, por conseguinte, adquirindo status de axioma social. Ao abrigar abordagens distintas sobre a organização social, o imaginário exerce uma atração constante na busca pela coerência e interpretação da verdade, manifestando-se de maneira modelar nas atitudes e práticas sociais, a exemplo dos manuais de civilidade e orientações prescritivas que configuram os modos de vida.

Essas representações imaginárias, notadamente no caso das mulheres, se materializam na sociedade por meio dos autores, ou supostas autoras, subjetivamente, e são assimiladas, interpretadas e reimaginadas por outros interlocutores, adquirindo novos significados, objetivos e práticas sociais. As obras literárias prescritivas, como os manuais de civilidade, personificam essas imagens femininas claramente construídas pela sociedade, e ao serem apropriadas pelas interlocutoras, ganham novas dimensões e desdobramentos nas relações sociais.

Nesse contexto, o imaginário social assume um papel determinante na configuração e reconfiguração das identidades sociais, estabelecendo um campo fértil para a produção e disseminação de discursos e práticas que permeiam a vida em sociedade. Tais discursos se convertem em importantes

instrumentos de modelagem, influenciando atitudes, valores e comportamentos. A complexidade desse imaginário, enraizado nas percepções coletivas, evidencia-se na fusão entre a realidade e a construção simbólica, conferindo-lhe uma dinâmica intrínseca que transcende os limites do individual e alcança esferas sociais mais amplas.

Concebido como um padrão, o imaginário, também se manifesta na forma de modelar, atitudes e práticas sociais; tais como a orientação e os manuais de civilidade, podem ser materializadas, como nas obras de literatura prescritiva: os modos de fazer a vida. Partem de uma imagem, neste caso a feminina, que está claramente materializada na sociedade pelo autor, digo, pela suposta autoria feminina, mesmo de forma subjetiva e passam ao ser identificadas, interpretadas, revisitadas pelas suas outras interlocutoras, ganhando novos sentidos, novas objetividades e novas práticas sociais.

As imagens estéticas não se deixam nem traduzir validamente para conceitos, nem também são «reais»; não existe nenhuma imagem sem imaginário; possuem a sua realidade no seu conteúdo histórico, não há que hipostasiar as imagens, mesmo quando são históricas. - As imagens estéticas não são algo de imóvel, invariantes arcaicas: as obras de arte tornam-se imagens por processos, que nelas se petrificam em objectividade, falarem por si mesmos.(ADORNO, 2013, p.103-4)

A imagem, constituída a partir da materialização do imaginário, abrange uma nova dimensão da simbolização que conquista um espaço específico na sociedade, pois revela, agrega e intervêm nos valores da sociedade ao transmiti-los na forma material, principalmente, através dos materiais impressos. A imagem materializa o imaginário pela sua forma, pois promove a evidência de seu espaço e tempo. Ao tornar-se objetos fomenta análises objetivas em si mesma; representam o imaginário e criam seu próprio imaginário ao se materializarem; uma reprodução constante mas não linear sobre as relações sociais deferidas, requeridas ou impostas por determinados

imaginários colocados em circulação e apropriados através de interesses constituídos intencionalmente por classes, grupos, instituições e associações.

Entre estes “antagonismos realmente inconciliados não se deixam conciliar mesmo no imaginário; actuam no interior da imaginação e reproduzem-se na sua própria incoerência proporcionalmente ao grau com que insistem na sua coerência.” (ADORNO, 2013, p.193). Assim, o imaginário não é uniforme, pois, reproduz e manifesta os conflitos sociais perante o indivíduo. A materialização deste imaginário aos olhos do espectador, de seu simbolismo, é confrontando pelos demais elementos sociais.

Sempre seguindo o mesmo fio imaginário, é claro que esse espectador jamais tem, com as imagens que olha, uma relação abstrata, “pura”, separada de toda realidade concreta. Ao contrário, a visão efetiva das imagens realizase em um contexto multiplamente determinado: contexto social, contexto institucional, contexto técnico, contexto ideológico. É o conjunto desses fatores “situacionais”, se assim se pode dizer, fatores que regulam a relação do espectador com a imagem, que chamaremos de dispositivo. (AUMONT, 1993,p.15)

Constantemente e de forma efetiva, planejada as imagens formam o universo social, determinam a institucionalização, a técnica e a ideologia que servirá de espectro. Criam dispositivos próprios que regulam a relação entre espectador e imagem. Imprimem condicionantes, arquitetam ações que determinarão o tipo de sociedade, de indivíduos e de instrumentos que servirão de dispositivos controladores. A criação deste imaginário muitas vezes suplanta a representação de realidade que está presente. “A noção de impressão de realidade, a de efeito do real mostram, pelo próprio vocabulário, a dificuldade da questão. Em um e outro casos, trata-se de sublinhar o fato de que, em sua relação com a imagem,o espectador acredita ate certo ponto na realidade do mundo imaginário representado na imagem.” (AUMONT, 1993, p.112). O idealizável, formulado inicialmente na esfera mental ultrapassa as fronteiras do pensamento, da capacidade criativa para ganhar o mundo exterior.

A construção do imaginário feminino, congrega assim, diferentes padrões, tradicionalmente amparados na polarização de um binômio: boa e má. Este agrega ao longo da produção historiográfica diferentes acepções: mãe e prostituta; mulher pública e privada; pura e bandida; beata e impura. Mulher como "rainha do lar" (LIMA, 2012), aponta as potencialidades e fragilidades femininas, relacionadas aos afazeres domésticos em oposição ao espaço público. Ora vista como a Mulher bruxa / fatal tendo sua "...imagem díade e contraditória, ora como uma mulher idealizada como a inocente, a mãe perfeita, dedicada ou a divinizada; ora como a sedutora, a bruxa ou a femme fatale" (SANTOS, 2012). Evidenciada como "sexo frágil", relacionada a urbanização e europeização, condição ligada a papéis sociais atribuídos à mulher no novo cenário social (VERONA, 2007). Na condição de Mulher-Demônio versus Mulher-Anjo, atribuído nos contos de fada dos irmãos Grimm; ou ainda vista como Mulher do lar ou Mulher da vida, nas representações em Revistas femininas, Cláudia e Nova (SEVERO, 1995); a mulher configura-se em dois ambientes, em duas instâncias de poder sempre voltadas para o público ou para o privado.

Adentramos a dimensão do imaginário social (CASTORIADIS., 1982, p. 13): "o imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras / formas / imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de "alguma coisa". É criação e reprodução, numa lógica espacial e espectral de configurações de padrões que tomam corpo, fala e moldam os sentidos e os costumes socialmente instituídos.

A palavra escrita atua como tecnologia de linguagem (ORLANDI, 2001), definida como tal, nos melindres dos mecanismos e técnicas utilizadas, evidenciando e permeando as práticas sociais, políticas, ideológicas e estéticas. Argumenta-se que um discurso, através de um mecanismo pode proporcionar a construção de um imaginário, de uma identidade, de uma razão histórica peculiar e particular. Mais que evidenciar uma tecnologia de poder

(FOUCAULT, 1987), procura-se estabelecer uma relação entre modernidade técnica (BRÜSEKE, 2002) e tecnologia do discurso enquanto a prática na construção da identidade feminina. Fairclough apresenta a perspectiva de que "...as tecnologias discursivas são geralmente planejadas para ter efeitos particulares sobre o público." (FAIRCLOUG, 2001, 264).

A linguagem neste caso passa a ser pensada como uma forma de controlar a estrutura social ou mesmo para desestabilizar este controle. Nesta perspectiva, concebemos o livro como um aparato semiótico:

A semiose inclui todas as formas de construção de sentidos – imagens, linguagem corporal e a própria língua. Vemos a vida social como uma rede interconectada de práticas sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais, entre outras), todas com um elemento semiótico. (FAIRCLOUG, 2012, p.308)

A produção do sentido feminino é alicerçado de diferentes formas neste livro, contextualizando a nova mulher americana, que escreve cartas, que demonstra a nova condição e posição feminina entre os afazeres domésticos ao comportamento social aceitável ou desejável. Fairclough (2012) aponta que os determinados gêneros literários são produzidos em diferentes manifestações sociais, concebidas enquanto práticas sociais interpretadas semioticamente.

Os gêneros são as maneiras diversas de agir, de produzir a vida social semioticamente. São exemplos: a conversação cotidiana, as reuniões dos diversos tipos de organização, as entrevistas políticas e de outros tipos, e as críticas de livros. A semiose na representação e autorrepresentação de práticas sociais constitui os discursos, que são as várias representações da vida social. Os atores sociais posicionados diferentemente veem e representam a vida social de modo distinto, com discursos distintos. (FAIRCLOUG, 2012, p.310)

Os atores sociais, neste caso as mulheres, assumem nas palavras um discurso distinto, uma possibilidade de organização puramente política. Neste

escopo, figura a representação discursiva na forma epistolar, remetendo ao discurso religioso, que emoldura determinadas ações próprias a esta nova mulher americana. A escolha pelo discurso epistolar não é aleatória, mas, imbuído de direcionamento específico, uma vez que as cartas são direcionadas à alguém, neste contexto, às mulheres americanas. Os estudos do discurso associados ao da identidade são advento da refração da construção da identidade em contextos institucionais e culturais flutuantes. (SILVA, 2006,p.82)

...um discurso enfatiza a construção, a função de identidade da linguagem, este começa a assumir grande importância, pois as formas pelas quais as sociedades categorizam e constroem identidades para os seus membros é um aspecto fundamental de como elas atuam e de como relações de poder são expostas e exercidas, de como as sociedades são reproduzidas e mudadas.” (FAIRCLOUG, 2001, p.168)

Desta forma, a narrativa presente no livro faz a tentativa de impetrar determinado posicionamento político, histórico e social ao feminino, envolto talvez numa súplica determinista, ou manifestada de forma imperativa no discurso associado moderno, ao americano, percebe-se uma categorização de poder. Esta relação de poder está sujeita à própria modernidade pronunciada como fundamento da ação política e social. Assim também, como numa montagem, instalação, obra de arte e fotografia, o resultado da obra, do imaginado torna-se um espectro, um resquício de realidade, como artefatos que são unidos para compor um acervo arqueológico, os detalhes empreendidos na montagem, figuração, iluminação e composição postural dos modelos, intencional ou não, resultam numa dada forma de comunicar expressões sociais. Estes, carregados de significados são difundidos, aceitos como padrões desejáveis ou execráveis de uma certa condição social. Desta forma, ao valorar a posição de poder da mulher já estamos determinando sua aceção social, e consequentemente validando um discurso social posto no jogo de poder da sociedade.

UM MANUAL DE CIVILIDADE

A obra mencionada, intitulada "Cartas sobre a educação das meninas por uma senhora americana", cuja tradução para o português foi realizada por João Cândido de Deos e Silva, se encontra sob um artifício de falsa anonimidade atribuída a uma suposta "senhora americana", porém, na realidade, é de autoria de José Joaquim de Mora. Tal anonimato literário, segundo Iona Macintyre (2013), representa um recurso hábil empregado pelo autor José Joaquim de Mora e pelo editor R. Ackermann, com o propósito de persuadir e atribuir significado ao texto. Deste modo, ao dirigir suas cartas ao público feminino, a obra configura um suposto pensamento feminino, conduzindo as leitoras a se conformarem com sua posição histórica e social, revelando uma forma latente de convencimento baseada na integração entre identidade e práticas discursivas específicas.

O cerne da obra é constituído por tais cartas, que descrevem de forma prescritiva as maneiras de agir, pensar, trabalhar e, em suma, comportar-se em diversas circunstâncias e ambientes sociais. Essa abordagem evidencia uma tentativa enérgica de modelar as relações sociais com base nos preceitos de uma sociedade patriarcal, onde os elementos culturais e normativos, estreitamente interligados, exercem profunda influência na concepção das identidades femininas.

A ação discursiva engendradora no texto opera no sentido de conformar as representações sobre a feminilidade, articulando-se de modo a propagar certas concepções e valores dominantes que consolidam a perspectiva patriarcal na sociedade. O estabelecimento dessa presunção de identidade feminina, apesar da suposta autoria fictícia, é um meio efetivo de persuasão e legitimação das normas e papéis sociais atribuídos às mulheres na época em questão.

Dessa forma, as cartas delineiam uma configuração simbólica que, embora aparente ser representativa da voz feminina, serve como veículo

propagador de um discurso social normativo que visava reforçar e perpetuar as concepções patriarcais, modelando a vida e as interações sociais das mulheres daquele contexto histórico. O teor dessas correspondências literárias sustentava-se na interseção entre imaginário social e práticas discursivas, criando uma poderosa influência na percepção e nas atitudes das leitoras, moldando suas identidades e posicionamentos na sociedade do século XIX.

As cartas são organizadas em 12 mensagens em discurso arbitrário e com indicativo explícito de ação, de ditames de costumes a indicação de limites de atuação feminina:

Carta I – Motivos desta Obra. Influencia das Mulheres na condição dos Povos, na Sociedade, e prosperidade das Famílias. Diferenças entre a sorte das Mulheres nos Povos Meridionaes e Septentrionaes da Europa.

Carta II – Diferentes ramos da Educação. Educação Moral. Preceitos, Exemplos, Habitos. Acerto no uso destes meios.

Carta III – Educação Intellectual. Cultura da Razão, e Entendimento. Conhecimentos próprios da Mulher. Perfeição das Primeiras Letras. Geographia, Historia. Amor a Leitura. Novellas.

Carta IV – Educação Domestica. Trabalhos e Ocupações próprias da Mulher.

Carta V – Educação nas Artes, Desenho, Bordado, Musica, Dança. Moderação em adquirir e cultivar as Artes

Carta VI – Educação Physica, Exercícios, Alimentos, Traje

Carta VII – Educação Religiosa. Practicas, Instrucção, Leitura do Novo Testamento. Tolerancia

Carta VIII – Educação das Meninas em Inglaterra

Carta IX – Traducção das cartas de huma Mãe Inglesza a sua Filha

Carta X – Maximas para regular o procedimento de huma senhora
Carta XI – Virtudes próprias da Mulher

Carta XII – Vida do Campo; sua influência na condição da Mulher (MORA, 1838, p.149)

Nas práticas sociais, são atribuídos valores que determinam uma interpretação específica e evoluem para delinear o espaço de atuação feminina. A identificação com a figura da "mulher americana" se conecta ao processo de aculturação, uma vez que os exemplos apresentados são

baseados em experiências vividas na Inglaterra, país economicamente avançado e tido como um modelo de civilidade para as sociedades mais progressistas do século XIX. Contudo, esses exemplos também remetem à nova mulher do novo mundo, ao país republicano de língua inglesa do norte, aludindo, assim, a uma "nova" mulher com uma identidade particular.

No contexto das orientações de Mora (1838), as caracterizações do comportamento feminino vão além do posicionamento social e abrangem aspectos como o uso de trajés, preparo de alimentos e mínimas explicações sobre condutas e posturas, mas também englobam a orientação da personalidade, indicando virtudes, modos de educar as filhas e atitudes reguladas com base em princípios religiosos. O discurso, apoiado em argumentos religiosos, enfatiza a coerência interna do próprio texto.

A relevância desta obra se consolida ao se considerar que "foi traduzida do espanhol em 1838, e exemplares foram enviados às professoras públicas de instrução primária das escolas de meninas para delas fazerem uso junto às suas alunas" (JINZENJI, 2011, p.172). Desse modo, a obra assume a função de instrumento normativo nas relações sociais, moldando e construindo novas perspectivas sobre a realidade social e criando um imaginário particular a respeito das interações entre mulheres.

É compreensível que a imposição de um padrão normativo específico de comportamento, através de um produto literário disseminado na América do Sul, abrangendo países de língua espanhola (Argentina) e portuguesa (Brasil), tenha sido motivada tanto pela carência de referenciais produzidos internamente quanto pela necessidade de se identificar com as "culturas avançadas", como uma forma de civilizar o povo e suas atitudes. A seleção dessa "cartilha de civilidade" não pode ser considerada irrelevante ou aleatória, uma vez que inúmeros manuais existiam e percorreram caminhos distintos na formação e consolidação do imaginário social americano. Desse modo, a construção de uma abordagem particular e identitária confere maior valor ao trabalho de Mora.

Nesta obra de José Joaquin de Mora não incide apenas no imaginário feminino, ao se esconder sob o manto de uma americana anônima, mas, denota a necessidade de auto identificação no processo de leitura e apropriação do texto pelo leitor, no caso, leitora. Consubstancia e identifica que toda...

A mulher amável, moderada, modesta, que examina e dirige todas as operações de sua família, que educa seus filhos, e felicita o companheiro de sua sorte, se além destas prendas essenciais, sabe tomar parte numa conversação interessante, desenhar com gosto e correção, cantar com alma e método, e decifrar no piano uma sonata, reúne tudo quanto lhe pode atrair o respeito e mino; tudo o que satisfaz a alma, recreia e distrai a imaginação. Com estes variados recursos pode aliviar o peso de seus males, suavizar o rigor das obrigações, dar novos atrativos à vida doméstica, e fazer durável e irresistível seu império. (MORA, 1838, p. 91-92)

No exame minucioso do texto, deparamo-nos, além das prescrições estabelecidas, com lapsos de autoria que se tornam evidentes mediante o emprego de pronomes possessivos. Tal aspecto pode ser inferido a partir da análise rigorosa da tradução realizada por Deos e Silva, cujos indícios se revelam na seguinte passagem, sugerindo a rigidez da tradução: "Depois de haver estudado os meios empregados na educação de nosso sexo, apliquei-me a observar seus fructos..." (MORA, 1838, p.186). Nesse excerto, percebe-se a referência ao sexo feminino, inserido na primeira pessoa do singular, incluindo, supostamente, a pseudo-autora. Entretanto, em outro trecho, o emprego do pronome possessivo transita para a terceira pessoa do singular, tornando patente uma autoria externa, presumivelmente masculina: "a educação mais conveniente á mulher he aquella em que adquire as prendas mais análogas á posição, obrigações e vinculos proprios do seu sexo." (MORA, 1838, p.187). Notavelmente, semelhantes elementos são identificados ao longo da obra, instigando a indagação sobre sua procedência real de autoria.

Assim, a presença de pronomes possessivos, de acordo com o contexto textual, levanta dúvidas pertinentes à autoria, evidenciando a possibilidade de distintas vozes na composição do discurso. A oscilação entre a primeira pessoa do singular, aludindo à suposta "senhora americana" como autora, e a terceira pessoa do singular, sugere uma autoria masculina. Essa dinâmica linguística, aliada a outros aspectos interpretativos, constitui um cenário complexo de reflexão sobre a verdadeira autoria da obra em questão. Diante dessas ambiguidades, a tarefa de decifrar a origem e autenticidade do texto se impõe como um desafio, suscitando novas perspectivas na análise e interpretação do discurso literário.

Compreendemos que a obra agrega um imaginário feminino persistente na realidade do oitocentos, imbuindo a mulher de atributos "desejáveis":

Nas palavras de João Candido, o manual tem o intuito de 'formar mulheres' que sejam boas mães, boas esposas e que saibam educar as filhas segundo a virtude e a moral autorizadas; se o objetivo é formar as mulheres, isso significa que elas podem ser formadas e, especialmente, precisam ser formadas, por não existirem condutas, hábitos ou valores naturais a essa mulher; pelo menos não aqueles que eram desejáveis para a mulher oitocentista. (JINZENJI, 2011,p.175)

As formas de apresentar, os recursos editoriais evidenciam um imaginário, permeado pelo discurso imbricado na aceitação social destes padrões e valores produzidos para serem aceitos, uma indução normativa.

CONSIDERAÇÕES

O imaginário, ao transcender como elemento ilustrativo, estende-se à realidade, mescla-se à política, permeia práticas cotidianas e instituições, imbricando-se nas narrativas pessoais e na identidade coletiva. Constitui um discurso difuso, presente tanto na memória das pessoas como na sua manifestação social.

O imaginário, incontestável e assemelhando-se a um pressentimento oculto, ocasionalmente obscurece a perspectiva, substitui a verdade e se metamorfoseia em uma nova realidade. Revela-se uma acepção absoluta da verdade envolta em fabulações. Mais do que uma simples análise do discurso, enxerga-se neste trabalho um exame minucioso do documento, ressaltando suas peculiaridades históricas e contextuais, assim como sua composição em constante mutação, devido ao acesso a novas fontes e debates.

A obra mencionada, "Cartas sobre a educação das meninas por uma senhora americana," traduzida para o português por João Cândido de Deus e Silva e supostamente atribuída a uma "senhora americana", ultrapassou a mera condição de manual de civildade, adentrando as salas de aula e sendo recomendada em cursos normais, moldando a mentalidade das professoras e ditando um imaginário feminino. Além de questionar a falsa autoria imposta ao leitor, esta pesquisa se propõe a examinar a imposição de um padrão normativo de comportamento por meio de uma produção literária disseminada na América do Sul, abrangendo tanto o cenário espanhol (Argentina) quanto o português (Brasil).

A crença na suposta autoria feminina anônima da obra ainda ecoa na academia contemporânea, validando sua redação concisa e precisa. O trabalho de José Joaquin de Mora, o verdadeiro autor, não somente influencia o imaginário feminino ao se ocultar sob a identidade de uma americana desconhecida, mas também denota a necessidade de identificação do leitor, sobretudo da leitora, no processo de leitura e apropriação do texto. Utiliza-se do discurso para estabelecer laços identitários com seu público, gerando intimidade e cumplicidade, servindo-se da forma epistolar como uma associação ao catolicismo, evocando características desejadas para a mulher.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 2013.

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CUNHA, M. T. S.. Os dizeres das regras: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta. In: **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação**, Curitiba, 2004.

FAIRCLOUG, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FAIRCLOUG, N.. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**, n.25, v.2, p.307-329, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 27. ed. Petrópolis: Vozes,1987.

JINZENJI, M.Y. A formação de professoras primárias em Minas Gerais e os princípios para a escolarização de meninas (século XIX). **Cadernos de História da Educação**, v. 10,n. 1, p.169- 182, jan./jun. 2011.

LIMA, J. V. O Jornal das Senhoras um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na 2ª metade do século XIX). **Projeto História**, São Paulo, nº 45, pp. 397-403, dez, 2012.

MACINTYRE, I. Corinne in the Andes: european advice for woman in 1820s Argentina and Chile. In: BROWN, M.; PAQUETTE, G. (orgs.).**Connetions after colonialism: Europe and Latin America in the 1820s**. Tuscalosa: The University of Alabama Press, 2013.

NICARETA, S. E. Percorrendo alguns dos circuitos do livro escolar no brasil: elucidando aspectos da mulher na primeira república à era vargas. **Cadernos de InterPesquisas**, v. 1, 2023. Disponível em: <https://esabere.com/index.php/cadips/article/view/7>. Acesso em: 13 jul. 2023.

SANTOS, J. S. O Feminismo como elemento cortante. GELIC. **Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura**, São Cristóvão/SE: GELIC/UFS, V. 4, 3 e 4 de maio de 2012.

SEVERO, M. A imagem da mulher em revistas femininas. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v.15, n.1-3, p. 22-25, 1995.

VERONA, E. M. **Da feminilidade oitocentista**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho, 2007.

VEYNE, P. **Acreditavam os gregos em seus mitos?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.